Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2013

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Ficha para identificação da Produção Didático- Pedagógica Professor PDE/2013	
Título:	O papel da Educação na Sexualidade do Indivíduo: A Educação Sexual na Escola
Autor:	Jorgina Aparecida Tanferi
Disciplina/ Área:	Ciências
Escola de Implementação do Projeto:	Colégio Estadual Rui Barbosa. Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante
Localização:	Avenida Manoel Ribas, 500
Município da Escola:	Jacarezinho
Núcleo Regional de Educação:	Jacarezinho
Professor Orientador:	Prof. Me. Fernando Emmanuel Gonçalves Vieira
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) - Campus de Jacarezinho
Formato do Material Didático:	Unidade Temática
Relação Interdisciplinar:	Tecnologia
Público Alvo:	Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental
Resumo:	Muito se tem falado e mostrado sobre sexo, sexualidade e DSTs nos últimos anos. Contudo, os adolescentes têm dúvidas e questionamentos sobre esses assuntos, que necessitam serem respondidos de maneira franca e simples. Reconhecendo as dificuldades de se estabelecer um diálogo efetivo com os adolescentes sobre essa temática, efetivou-se aqui uma revisão de literatura sobre o tema educação sexual. Essa produção se justifica ao ter em vista desenvolver, através de oficinas, uma ação crítica, reflexiva e educativa, no sentido de satisfazer a curiosidade dos adolescentes sobre sexualidade. Oportuniza-se, assim, um espaço em que possam esclarecer suas dúvidas e (re) formular questões, o que possibilita uma aprendizagem significativa no sentido de produzir conhecimento, desenvolver o respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade.
Palavras-chave:	1.Oficinas de sexualidade. 2.Sexualidade Humana. 3. Educação Sexual.

PRODUÇÃO DIDÁTICO- PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES PDE 2013

PDE - PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA SEXUALIDADE DO INDIVÍDUO: A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

JORGINA APARECIDA TANFERI

Jacarezinho

2013

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES PDE 2013

PDE - PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA SEXUALIDADE DO INDIVÍDUO: A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Jorgina Aparecida Tanferi

Produção Didático-Pedagógica dos Professores PDE 2013 disciplina de Ciências apresentado ao Núcleo Regional de Educação de Jacarezinho, como requisito parcial para conclusão do PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional.
Orientador: Prof. Me. Fernando Emmanuel Gonçalves Vieira

Jacarezinho

2013

1. INTRODUÇÃO

Partindo da constatação de que a sociedade ocidental está repleta de preconceitos, mitos e distorções sobre a sexualidade (BRAGA e YASLLE, 2006), essa produção didático pedagógica, exigência do PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), traz uma reflexão sobre a sexualidade, tendo como foco a questão da educação sexual na escola. Busca-se, assim, através de uma abordagem teórica sobre a sexualidade humana, ampliar os conhecimentos sobre a questão da sexualidade em especial da sexualidade adolescente, cuja prática está diretamente ligada às transformações que ocorrem neste período e o modo de encará-la é influenciado pelo modo de vida do adolescente, pois as decisões tomadas nesta fase repercutem não só no momento, mas podem acarretar consequências para a vida toda (AMARAL; FONSECA, 2006).

Sendo assim, na busca pela própria identidade, os adolescentes precisam enfrentar todas estas questões que, associados a pouca percepção do perigo e a carência de informação os tornam presas fáceis de situações de risco, como o uso de drogas, a gravidez precoce e indesejada, a violência, as DSTs, entre outras.

Nessa perspectiva não se pode desconsiderar que as mudanças sociais, econômicas e culturais vistas na atualidade expõem os adolescentes cada vez mais precocemente a diferentes valores e comportamentos relacionados com a afetividade e a vida sexual (FERREIRA; GALVÃO; COSTA, 2000).

Em virtude da complexidade que envolve a questão, o tema da educação sexual nas escolas, de que trata esta produção, tem se destacado nas discussões acadêmicas e institucionais em geral, o que justifica a relevância da educação sexual nas instituições escolares.

Para um conceito mais claro da importância da educação sexual nas escolas, conforme entende essa produção, é conveniente definir alguns termos que são importantes para o estudo desenvolvido.

Neste sentido, considera-se aqui saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, que permite ao indivíduo agir dentro de um padrão de qualidade. Sexo como o conjunto de características biológicas, anatômicas e fisiológicas que diferenciam o gênero humano em masculino e feminino.

Já o entendimento da sexualidade vai além dos aspectos biológicos do papel sexual que determina a identidade, abarcando todas as manifestações do estimulo sexual e as normas sociais, religiosas e jurídicas que as regulam ou limitam.

A sexualidade humana, assim, compreende um conjunto de fenômenos biológicos, psicológicos e sociológicos de grande importância para a pessoa e para a sociedade, estando vinculada à afetividade e aos valores, ampliando sua esfera além da função reprodutora e da mera genitalidade.

Nesta produção, a sexualidade é compreendida como uma expressão vital da personalidade, como uma de suas dimensões, como uma parte indivisível do ser humano ou um elemento constitutivo de sua própria natureza (WHUSTOF, 1998). Nessa perspectiva, parte-se do pressuposto de que a omissão (ou inadequação) com que as instituições sociais em geral (família, Igreja, mídia e escola) vêm tratando o tema realça a importância de sua inserção na escola, instituição historicamente destinada à formação e educação.

Assim entendido reconhece-se o importante papel da sexualidade, sua natureza subjetiva, afetiva e social, tanto por sua intensidade como por sua profunda significação, e, ao analisá-la sob estes aspectos impõem-se reconsiderações acerca da mesma.

Dessa forma, compreender a sexualidade em toda sua complexidade, no sentido de ampliar o conhecimento, visando principalmente formas de abordar o assunto de maneira a sensibilizar os adolescentes, implica uma abordagem teórica profunda, para dar conta de uma prática capaz de atuar de forma mais eficiente na formação dos jovens alunos de nossas escolas.

É nesse sentido que aqui se aborda as concepções de sexualidade, buscando definir sexo e sexualidade, além de se efetivar um resgate da história da sexualidade humana, de forma a subsidiar uma reflexão que se reflita numa prática transformadora em sala de aula.

Essa produção caracteriza-se, assim, como uma reflexão sobre a necessidade de fundamentação científica do educador, privilegiando o conhecimento filosófico e histórico do tema, como subsídio necessário para uma abordagem escolar emancipatória da sexualidade humana.

Nesse sentido se investiga a sexualidade humana, a partir da análise filosófica e sua articulação com a Educação, constituindo-se numa reflexão sobre a questão da necessidade da fundamentação teórico-científica para a atuação de

educadores no campo da educação sexual escolar. Procura-se, assim, delinear uma concepção de sexualidade que ultrapassasse os (pré)conceitos, mitos e tabus, ainda presentes na sociedade ocidental.

A abordagem do tema, assim, se justifica, em parte, pela busca por respostas às questões relativas à sexualidade humana, inerente ao ser humano, mas principalmente pelas notícias freqüentemente veiculadas pela mídia evidenciando a precocidade sexual dos jovens na sociedade atual, mostram que os inúmeros meios de informações hoje disponíveis, não têm sensibilizado a população jovem quanto à adoção do sexo seguro, o que vem comprovar que informação de níveis e canais diversificados e contraditórios, não é conhecimento, que só se internaliza através de uma reflexão sistemática sobre o assunto, o que mais uma vez reitera a importância de se incluir a educação sexual na escola, espaço considerado, por excelência, privilegiado para a operacionalização de ações educativas capazes de levar a mudanças de atitudes e valores sócio-culturais.

2. CONCEPÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE

Em nossa cultura a informação relativa à sexualidade e sua valorização são freqüentemente recebidas distorcidas durante o processo de socialização. Muitas vezes as normas neste campo são contraditórias e confusas e, no ser humano, a sexualidade se combina com outros fatores psicológicos não estritamente sexuais, como a visão que alguém tem de si mesmo, a valoração de outros neste terreno, etc. Compreende-se, portanto, que o comportamento sexual humano vem determinado tanto por fatores biológicos como culturais. Daí que, “para ser completa e eficaz, principalmente quando faz parte de um programa educacional, a educação sexual deve abranger tanto o componente informativo quanto o formativo” (FIGUEIRÓ, 2006).

É clara em nossa sociedade a existência de uma divisão de atitudes segundo o sexo. A sexualidade, assim entendida, não é apenas um componente a mais da personalidade, mas a forma geral em que o indivíduo se manifesta perante si mesmo e perante outros, o que mostra a existência de um perigo real de transtornar o desenvolvimento e maturação normal da sexualidade de um indivíduo. Durante o processo de socialização podem gerar-se atividades inadequadas, temores, insatisfações e desconcerto que alterem o desenvolvimento e amadurecimento integral e sadio da pessoa, dando lugar a condutas sexuais desajustadas.

É exatamente este aspecto da educação sexual que, conforme Egypto (2003, p. 9), ainda assusta principalmente os profissionais da educação, pois trabalhar a sexualidade com os alunos exige “revisão de conceitos, superação de preconceitos e estereótipos, um olhar reflexivo sobre a própria sexualidade, lidar com tabus, medos, vergonha [...]”.

O sexo, dentro do contexto biológico, tem por finalidade a perpetuação das espécies. É por isso que o impulso sexual é algo tão forte. Conforme a citação constante no Livro de Gênesis (Bíblia Sagrada, Gn. 1.22,28), a energia sexual é a energia biológica mais poderosa que existe, pois é a única energia natural capaz de gerar Vida.

Conforme coloca Focault (1990), a espécie humana é a única que usa o sexo não só para procriar, mas como fonte de prazer, expressão de amor e, até, como uma forma de poder. Comumente, na sociedade ocidental ele (o sexo) aparece coberto por tabus, como algo vergonhoso, impuro, feio, proibidos, e vários outros

sinônimos totalmente opostos ao sentido de brincadeira que lhe atribui Alves (1999). Porém, por ser inerente ao ser humano, sua interdição nada mais faz além de instigar a curiosidade sobre tudo o que diz respeito à sexualidade.

A sociedade capitalista usa este desejo de saber como uma estratégia que lhe garante um controle social sem precedentes. Foucault em suas teses elucida esta estratégia afirmando que a sociedade capitalista não obriga o sexo a silenciar-se; contrariamente, incita sua manifestação, abrindo espaço para a exposição de opiniões, pensamentos e atitudes (REIS, 1992).

> Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade; utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 1990, p. 98).

Foucault (1990) salienta que a vontade de saber sobre a própria sexualidade se torna artifício básico de controle disciplinar da população, pois os dispositivos saber-poder são exercidos de forma ampla. O poder estando em tudo, principalmente no próprio homem, faz com que o mesmo busque o autocontrole para conter sua sexualidade e a dos seus.

Para o autor, o conceito de sexualidade, diante de tal realidade, não pode se limitar à racionalidade, ou a explicações mecânicas, simplistas, inadequadas à compreensão da realidade. Tal concepção requer reflexões que transpassem os aspectos biológicos que, ainda nos tempos atuais, constituem-se como fundamento das informações exaustivamente fornecidas aos sujeitos.

A complexidade do tema fez com que muitos estudiosos (NUNES, 1987; CABRAL (1999); FOUCAULT (1990); CHAUÍ (1985), entre inúmeros outros, se debruçassem sobre o assunto sugerindo, cada qual, um conceito próprio, ora único, ora semelhante aos demais, sobre o sexo e a sexualidade humana.

2.1 Definindo Sexo e Sexualidade

> Sexo é coisa muito simples. Eu explico os essenciais em poucas linhas. [...]. Pra se entender o sexo há de se entender a música que ele toca. [...] A música que o corpo quer tocar se chama prazer. [...]. Os instrumentos da orquestra-corpo são os seus órgãos [...] todos têm uma utilidade. Além disso, esses mesmos órgãos e membros são lugares de prazer. [...] Entre os órgãos da orquestra-corpo estão os órgãos sexuais. Não há nada de especial que os distinga dos outros. Como os demais órgãos eles são

> fontes de prazer. Os prazeres do sexo são variados. Vão desde uma sensação muito suave que mais parece uma coceira de bicho-de-pé e que chega a provocar riso, até um prazer enorme, explosão vulcânica, que tem o nome de orgasmo, e que deixa aqueles que por ele passaram semimortos. [...]. Mas eles anunciam o fim da brincadeira. [...] Complicados são os pensamentos dos seres humanos sobre ele (o sexo). Os homens por razões que não entendo, passaram a considerar o sexo uma coisa vergonhosa (ALVES, 1999, p. 91-6).

Nunes (1987) afirma que, enquanto aquisição evolutiva do ser humano – pertencente ao Reino Animal - o sexo limita-se às características genitais. Porém, a espécie humana apresenta a sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo, construída desde a infância, sendo o sexo genital um parâmetro para a formação pessoal e social da criança, muito além da manifestação instintiva.

Por se tratar de uma construção socio-histórica, abordar a questão da sexualidade exige uma reflexão sobre a forma como os desejos, sentimentos, sensações, concepções de variadas instâncias sociais moldam os relacionamentos. Sendo assim, refletir sobre sexualidade implica primeiro, refletir sobre si mesmo, para buscar entender o outro em suas dimensões diversificadas.

Sendo assim, “a sexualidade supõe mais do que corpos, nela estão envolvidos fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres” (LOURO, 2007, p.209).

Dessa forma, por se tratar de algo cultural e socialmente construído, não é estática e definida, mas mutável e plural (LOURO 1997; FIGUEIRÓ, 2009). A sexualidade humana, assim, compreende um conjunto de fenômenos biológicos, psicológicos e sociológicos de grande importância para a pessoa e para a sociedade, estando vinculada à afetividade e aos valores, sua esfera vai além da função reprodutora e da mera genitalidade ficando englobada no âmbito mais amplo do erotismo.

Assim entendido, é relevante esclarecer que numa concepção biológica, o sexo constitui apenas um dos aspectos que permeiam a sexualidade humana, e sendo assim configura-se um reducionismo a abordagem em determinismos biológicos para justificar preconceitos, mitos e tabus que foram criados histórica e socialmente em torno desse tema.

Daí que segundo Nunes (1987) tratar de sexualidade na escola requer domínio prévio de uma concepção científica e humanista da mesma, sobrepujando o senso comum - estágio elementar da cognição social - com abordagem histórica e cultural da sexualidade humana, abalizada por uma minuciosa compreensão científica do desenvolvimento psicológico e sexual do sujeito.

Na mesma ótica Cabral (1999), ao manifestar-se sobre sexo, expõe a visão sócio-construtivista de que o indivíduo, por nunca estar pronto ou acabado, inclusive biologicamente, sofre constantes influências dos costumes do meio em que vive, sendo, portanto, produto do ambiente e da cultura.

Também Chauí (1985) reitera que a sexualidade é uma elaboração histórica, que tem sua manifestação social de acordo com o ambiente em que se formaram suas raízes.

Nesse sentido Foucault (1990) conceitua o sexo como uma manifestação física ligada ao uso do sistema reprodutor, com fim único de procriação. As demais manifestações, tais como: o beijo, a carícia, o olhar, o pensamento, o sonho, o desejo, estariam na área da sexualidade, uma qualidade global do homem. Acrescenta, ainda:

> O sexo, esta instância que parece dominar-nos, esse segredo que nos parece subjacente a tudo o que somos, esse ponto que nos fascina pelo poder que manifesta e pelo sentido que oculta, ao qual pedimos revelar o que somos e liberar-nos o que nos define, o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento. (...) O sexo é, ao contrário, o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres. (FOUCAULT, 1990, p. 145).

Para Bernardi (1985), a sexualidade é analisada, psicologicamente, como sendo multiforme polivalente e símbolo do desejo. O deleite sexual pode ser atingido sem o contato genital, uma vez que qualquer região do corpo é suscetível ao prazer sexual. A sexualidade difere do instinto, não objetivando o parceiro ou o coito.

Louro (1999), diz que a sexualidade não se restringe ao corpo, mas envolve o aspecto psíquico da pessoa, através de suas crenças, ideologias e imaginações, deixando de ser preocupação individual, devendo passar por uma investigação e a

uma análise histórica e sociológica cuidadosa, a fim de atingir uma atmosfera crítica e política.

Conceito interessante que ilustra adequadamente a diferença entre os dois termos:

> Sexo – é uma energia positiva que impulsiona a vida. É como a pessoa se percebe. Não é safadeza, sacanagem, órgão genital, nem atividade coital (transa). Sexualidade – é uma conduta adquirida, de base biológica, com sua fonte instintiva expressa de acordo com o desenvolvimento e normalidade psicossexual, com parâmetros socioculturais do lugar e época em que vivemos. Tem caráter modificável, plástico, permutante. Envolve personalidade, maturidade física e psicológica e a formação (SOUZA, 2007, p. 415-6).

Destaca-se, do exposto que, as concepções sobre sexo e sexualidade podem variar de acordo com a sociedade, a história, o grupo social e as diversas ciências humanas que se relacionam ao ramo que a estuda, daí a importância de um resgate histórico da sexualidade, em especial no mundo ocidental.

3. A ESCOLA, O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO SEXUAL

Nesta produção alinha-se ao pensamento de Figueiró (1996, apud FIGUEIRÓ, 2009), que a orientação sexual, conforme proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN (BRASIL, 1999), refere-se mais especificamente sobre a sexualidade do indivíduo em relação à sua identidade sexual, que vai sendo construída ao longo da infância, e como a pessoa se comporta ao longo de sua vida e, sendo assim, deve ser trabalhada pautada na pluralidade, que deve ser desenvolvida nas escolas. Daí ser relevante esclarecer que aqui, com base em diversos autores/as (VITIELLO, 1994; SUPLICY et al, 2004; FIGUEIRÓ, 2009, entre outros), adota-se o termo Educação Sexual ao invés de Orientação Sexual devido ao sentido mais amplo e para não haver confusão com a orientação do desejo afetivo-sexual.

> [...] o próprio termo educação sexual é mais adequado, na medida em que se abre espaço para que a pessoa que aprende seja considerada sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos e/ou de orientações, como sugerem as outras terminologias: orientação, informação, instrução. [...] A educação sexual refere-se a toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual (FIGUEIRÓ, 2001, apud FIGUEIRÓ, 2009, p. 37).

Relevante do contexto que a adolescência é uma etapa fundamental no processo de crescimento e desenvolvimento humano, marcada por modificações físicas e comportamentais influenciadas por fatores socioculturais e familiares (SOARES et al., 2008). A sexualidade, por seu lado, é elemento constitutivo do sujeito adolescente, já que é um atributo inerente ao ser humano, que se manifesta independentemente de qualquer ensinamento. Sendo assim ela representa a forma como o indivíduo se comporta, pensa ou age. Faz parte da sua construção e expressão da personalidade, resultado da integração dos componentes biológico, psicológico, social e cultural (SOUSA; CAMURÇA, 2009).

Assim, segundo Osório (1992) na adolescência, por se tratar de um período onde está sendo finalizada a personalidade do individuo aparece a maioria das dúvidas sobre sexualidade e é também nesse momento que a sexualidade se encaixa principalmente como fator estruturador da sua identidade.

Nesse sentido, as modificações no comportamento que ocorrem no adolescente podem interferir no processo natural do seu desenvolvimento, fazendo com que ele sinta necessidade de experimentar comportamentos que os deixam mais vulneráveis a riscos para a sua saúde, inclusive no aspecto da sexualidade (SOUZA et al, 2007).

Esse é um período que exige muita atenção por parte dos pais, profissionais de saúde e da escola, pois muitas vezes, os jovens não têm consciência dos problemas que uma relação sexual ‘inconsequente’ pode acarretar. Assim, é clara a necessidade de abordar esse tema com os adolescentes, buscando assegurar a a vivência responsável da sexualidade (VITIELLO, 1995) .

Segundo Vitiello (1995) educar significa formar alguém, proporcionando condições para que este cresça consciente e responsável pelos seus atos. A Educação para a sexualidade, nesse sentido, é ferramenta fundamental para subsidiar discussões sobre as práticas e comportamentos dos jovens em relação aos riscos que envolvem a sexualidade, além de promover a prevenção de problemas futuros e proporcionar o conhecimento sobre o próprio corpo. Entretanto, a educação sexual não tem como finalidade apenas informar, mas, também, desenvolver as habilidades necessárias à utilização dessas informações para o exercício saudável de tudo que se relaciona ao corpo (FIGUEIRÓ, 2009).

Entende-se do exposto, portanto, que educar vai além do informar, especialmente quando se trata de educação sexual. Educar é modificar atitudes, e para isso necessita-se muito mais que apenas interar-se de tópicos sobre sexualidade. Todos os educadores consideram que a formação do indivíduo é o principal objetivo da educação. Quando se fala em formar, não se deseja que o educando seja uma cópia fiel de seu mestre ou de qualquer outro molde, almeja-se dar condições e meios para que cresça interiormente.

Quando se fala em educação sexual se faz para um fim determinado, existem objetivos a serem atingidos. É uma preparação para a vida, e deverá ser responsável pela transmissão de conhecimentos que formem valores, atitudes, e que o indivíduo possa expressar seus sentimentos e a sua sexualidade de maneira livre, mas com responsabilidade, respeitando a individualidade de cada um. Como em outras áreas do conhecimento humano a sexualidade é um processo de aprendizagem contínua.

Diante das reflexões efetivadas o papel da escola na questão da sexualidade passa a ser fundamental na medida em que grande parte do tempo do adolescente é concentrado dentro dos ‘muros da educação’. Os discursos sobre sexualidade, aliados às transformações físicas que ocorrem principalmente na puberdade, geram dúvidas e angústias que podem ser respondidas e amenizadas com a discussão da sexualidade humana e suas múltiplas influências nas diferentes fases da vida.

As tradicionais funções dos pais de iniciação à educação de hábitos de higiene, alimentação, socialização, orientação sexual e desenvolvimento da personalidade das crianças e dos jovens passam a ser responsabilidade, também, dos educadores.

A pergunta que nos vem à mente neste momento é: a escola e os educadores estão preparados para desempenhar tais funções? Em um mundo cheio de transformações, nos questionamos se nossas funções, tais como as conhecemos (como pais e educadores), estão de acordo com a realidade social. Parece-nos fundamental a reavaliação desses conceitos e promover ações práticas que possam suprir as necessidades educacionais e de orientação nas escolas, pois,

> [...] Como parte da sociedade, reflete as suas transformações. Nesse sentido, os movimentos sociais são um importante vetor de abertura. Movimentos organizados em torno de demandas da liberdade sexual, do direito à sexualidade, da igualdade de direito entre os sexos, promovem uma ação sígnica considerável, no desmonte de mitos, na destruição de tabus, na ressignificação das práticas, na formatação de novas condutas, enfim na formação de uma consciência crítica da sexualidade como dimensão significativa da sociabilidade e, por extensão, da prática pedagógica[...] A sexualidade, como fenômeno educativo, implica não apenas um esforço de mudança pedagógica, mas um esforço de mudança cultural. E essa mudança nem o professor, nem sua formação dão conta dela exclusivamente, pois envolve um processo social e cultural em nível societário, em nível organizacional (CARVALHO, 2004, p. 7).

Se a invisibilidade é a forma dominante da sexualidade na escola, é importante buscar a visibilidade, alimentar a fogueira das discussões, num clima mais aberto, franco, respeitoso e contínuo. Entendendo assim, a partir do estudo, da pesquisa, do debate democrático da sexualidade humana, o professor será capaz de elaborar respostas às suas próprias dúvidas, questionamentos e angústias.

Os Adultos encontram sempre certa dificuldade na abordagem deste assunto, pois acabam por reproduzir padrões e concepções cristalizadas no seu convívio

social, ao mesmo tempo, por ser um assunto tão fascinante e íntimo, encontramos muita dificuldade de determinar o quê, quando, onde e como conversar sobre ele.

Quando se abrem as portas para as discussões, vários temas polêmicos podem fazer parte dos assuntos escolhidos pelos jovens, entre eles as drogas, a sexualidade e a mídia, a virgindade, a AIDS, DST, o assédio sexual, gravidez precoce e outros tópicos de interesse que poderão emergir. Tudo vai depender da postura do educador diante dessas indagações e é isto que fará a diferença.

A partir do momento em que o professor evolui em sua conduta, são freqüentemente tomados por sentimento de culpa que faz com que se mantenham os modelos existentes onde são propostas referências ideais de comportamentos e costumes.

Então como trabalhar este tema na escola? Segundo Egypto (2003, p. 9)

> [...] Trabalhar com a questão da sexualidade com crianças e adolescentes exige revisão de conceitos, superação de preconceitos e estereótipos, um olhar reflexivo sobre a própria sexualidade, lidar com tabus, medos, vergonhas. Exige dedicação e estudo. Há também as dúvidas: e se me perguntarem coisas que eu não souber? O que vou dizer sobre o sexo na adolescência? O aborto? A homossexualidade? E o que os pais vão pensar? Como eles vão receber esse trabalho.

A importância da escola não está relacionada apenas no conteúdo pedagógico que transmite; vai muito além de outros aprendizados que não estão escritos nas propostas pedagógicas de cada escola e que são requisitados pelo adolescente em sua vida escolar.

Ainda segundo CARVALHO (2004, p.8):

> É nesse sentido que este trabalho se orienta, colocando-se como subsídio para a discussão da sexualidade na escola, para trocas, colaborando - quem sabe - para avanços no entendimento e compreensão dessa problemática pedagógica. Fundamental, portanto, é a conscientização dos professores no sentido do trabalhar com o inesperado, com o desconhecido [...].

A adolescência é uma fase bastante peculiar e de preparação para a aquisição de um novo papel perante a família e a sociedade ficando apta para usufruir sua sexualidade, firmando sua identidade sexual e buscando um par, já com a possibilidade de gerar filhos.

A sexualidade cerceia a vida de todas as pessoas desde o nascimento até a morte, através de inúmeras informações que recebemos a todo instante. Dessa forma estamos sempre sendo educados sexualmente, seja na rua, em casa, com os amigos, em programas de televisão, em revistas, navegando na internet. Todas essas informações trazem também uma série de idéias e valores a respeito da sexualidade, o que nos permite considerá-la como um processo de aprendizagem contínua, e que a educação sexual se refere a todas as formas de transmissão de valores e informações sobre sexualidade, nas múltiplas e variadas dimensões.

O que se percebe é que as informações veiculadas nos diversos meios de comunicação são por vezes contraditórias, transmitindo idéias e mostrando modelos de comportamentos masculino e feminino confusos em termos sexuais e sociais.

Como lembra Egypto (2003, p.13):

> Sempre fomos educados sexualmente, ainda que não pareça. E quando não falamos sobre sexo também estamos dizendo que sexo é uma coisa proibida, que não se fala disso abertamente, que não é um assunto que caiba a escola. Estamos reprimindo, omitindo, mas, de alguma forma, estamos educando as pessoas sexualmente.

Na perspectiva apresentada entende-se que a elaboração de cursos, eventos, palestras e seminários sobre a sexualidade e seus diferentes enfoques devem ser planejados com a participação dos profissionais, de pais, educadores e representantes estudantis.

O enfoque deve ser dado de acordo com o contexto social de cada região, respeitando-se as tradições locais e a idade do público alvo. Por exemplo, não adianta discutir inicialmente a anticoncepção com crianças que ainda não sabem o básico da atividade sexual. Deve-se ter em mente uma atividade progressiva, didática, não agressiva e não preconceituosa. Usar material audiovisual, atividades criativas e técnicas mais ativas como psicodrama (dramatização - mostrar assuntos

através do teatro) para manter a atenção dos jovens e levá-los a pensar e discutir os assuntos também fora da escola.

3.1 As Oficinas de Sexualidade

Conforme visto em alguns estudos (PIAGET 1975; 1994; VIGOTSKY, 1991; KISHIMOTO, 1997, 1998) a ludicidade seguramente é fator possibilitador de promoção de uma aprendizagem significativa. Por essa razão, ao invés de se partir para uma abordagem empírica, como uma pesquisa de campo, por exemplo, decidimos, fundamentados em estudos já efetivados sobre o tema, que comprovam a ineficácia das ações até agora implementadas para transformar conceitos, valores e atitudes, por sugerir um projeto de oficinas, baseado em atividades lúdicas a ser desenvolvido durante a implementação do projeto de intervenção a ser desenvolvido no primeiro semestre do ano de 2014, que a nosso ver fornece os instrumentos necessários a uma aprendizagem significativa sobre o tema.

Nossa proposta consiste em duas fases distintas: numa primeira etapa das oficinas serão discutidos temas livres referentes à sexualidade, baseados, principalmente no que se observa no cotidiano, priorizando questões referentes às funções e à vivência da sexualidade, que têm conotações estética, psicológica, social, econômica, política, moral e religiosa definidas pela cultura na qual está inserida a pessoa humana. Esses temas já trazem, implicitamente, expectativas de respostas, confirmados como padrões culturais da sociedade.

Esta experiência, mediada pelo professor, que, como mediador, função fundamental para uma aprendizagem significativa (VIGOTSKY, 1991), tem por objetivo possibilitar aos participantes tomar contato com aspectos significativos da vivência da sexualidade entre adolescentes: identificar as representações de corpo, sexualidade, sexo, gênero, concepção/contracepção; e, ainda, apontar eixos de análise das repercussões destas representações no processo da preservação da vida.

Essas atividades têm como objetivo estimular, nos adolescentes, um espírito de engajamento na construção de uma nova cultura, uma cultura de participação política e social de preservação da vida, cientes que o engajamento nessa produção,

possibilita a transformação cultural, necessária para a conseqüente mudança de atitudes com relação à prevenção.

A prevenção, na lógica da aprendizagem significativa, traduz-se na preservação da vida, que por outro lado, amplia o conceito de prevenção. Estabelece-se assim, um sentido que não se limita à sobrevivência, mas a existência da vida.

Reitera-se aqui que uma proposta que envolva a educação pela ludicidade, fornece o suporte necessário para estimular os adolescentes de nossas escolas a participar da construção de uma cultura de preservação da vida.

A idéia de trabalhar com a aprendizagem e a ludicidade partiu da compreensão que uma aprendizagem que se compromete a mudar conceitos e valores sociais arraigados, como os que permeiam o universo dos adolescentes. Especialmente no que se refere à sexualidade, tem que comprometer-se com a necessidade de preservar a vida. Neste sentido, muitas questões podem ser colocadas, desde que façam parte do contexto sócio-cultural dos participantes.

O processo de oficina é um processo de garimpo de conhecimentos, o professor (facilitador) tem o papel de elaborar as questões dos participantes, de agrupá-las e gerar uma reflexão junto com o grupo, assim, a oficina é um momento de construção mútua de um saber que vem de cada um dos participantes.

O projeto será desenvolvido no 9º ano do Ensino Fundamental, através da metodologia de oficinas.

O plano de trabalho será desenvolvido no Colégio Estadual Rui Barbosa Ensino Fundamental, Médio, e Profissional, localizado no município de Jacarezinho – PR.

O projeto de intervenção compreende a adoção de ações que possibilitem a concretização do Objetivo Geral de desenvolver ações educativas para uma aprendizagem significativa sobre o exercício de uma sexualidade segura e preventiva, junto aos adolescentes, para promover uma educação preventiva e cidadã.

Especificamente busca-se:

- Por meio de materiais específicos desenvolver oficinas sobre temas relacionados à sexualidade em geral, utilizando metodologias

diversificadas como slides, jogos e dinâmicas para levar conhecimentos biológicos e humanizados aos alunos, possibilitando discussões;

- Fornecer elementos para que os alunos possam ter conhecimentos específicos a serem aplicados em sua vida, com vistas à prevenção, à saúde reprodutiva, garantindo segurança para evitar julgamentos e promover a inclusão.

3.2 Sequência Didática

Tendo em vista a complexidade do tema, antes de iniciar as oficinas para implementação do projeto será realizada uma reunião com os pais, com o objetivo de esclarecer sobre o projeto e principalmente a importância do tema a ser trabalhado.

A implementação do projeto com os alunos se dará no primeiro semestre de 2014 e seguirá as etapas abaixo descritas:

1º momento das oficinas - Sensibilização ao tema

- Construindo a Oficina

- Acordo de Convivência.

- Estabelecer uma linha de contato inicial entre o professor e os alunos.

- Apresentação do professor e esclarecimento sobre a proposta e importância do projeto.

- Aplicar um questionário aos alunos, visando identificar seus conhecimentos e concepções sobre sexo e sexualidade.

2º momento - Apropriação do tema

Este segundo momento se inicia solicitando aos alunos que coloquem, em uma única palavra o que o tema lembra, de modo que se possa comparar essa reflexão prévia com um conceito no final da oficina.

Nesse momento será trabalhado via textos, aulas expositivas, slides e pesquisas:

- O Corpo Humano.

- Relações de gênero.

-Namoro, virgindade, prazer, masturbação, orgasmo, homossexualidade/bissexualidade/heterosexualidade.

- gestação, parto, aborto.

- DSTs (formas de transmissão e prevenção).

- Sexo seguro.

-Tabus e mitos em relação à sexualidade.

- Vulnerabilidade - drogas e violência.

3º momento - Exposição e reflexão sobre as questões elaboradas pelos grupos.

Uma vez discutidos os temas acima elencados, neste terceiro momento vai-se buscar captar, de forma anônima as questões e dúvidas dos participantes da oficina. A seguir expõem-se as dúvidas à sala de aula e solicita-se sua participação. As dúvidas expostas deverão gerar discussões e reflexões, até serem devidamente esclarecidas, de acordo com as expectativas do grupo.

4º momento - Problematização com situações-chave - propor ao grupo:

- Uma discussão sobre valores éticos.

- Respeito.

- Exercício saudável da sexualidade.

- Fatores Protetores e Fatores de Risco.

- Desafios da Paternidade E Maternidade

- Conhecer os Serviços de Saúde da Região.

5º momento - Finalização com avaliação e propostas

O último momento da oficina tem como finalidade avaliar o trabalho desenvolvido.

- será aplicado o mesmo questionário inicial para avaliar se o aluno fez a apropriação dos conteúdos trabalhados.

- Será solicitado aos alunos um relato que especifique: Como comecei e como estou terminando.

- O que aprendi com este projeto.

- Projeto de vida - expectativas para o futuro e condições que podem facilitar ou dificultar esses projetos

- Após a realização das oficinas finalizando este momento para concretização do conhecimento do conteúdo de sexualidade DSTs será solicitado aos alunos que confecção de cartazes, folders, paródias, e o que mais sua criatividade permitir.

- Exposição na escola dos materiais produzidos pelos alunos para divulgar o trabalho desenvolvido, visando mobilizar ações que possam ser implementadas, também como forma de divulgação do projeto na escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de educação sexual implica necessariamente falar de sexualidade. Além disso, qualquer trabalho de educação deve levar em consideração a perspectiva histórica sobre a questão.

Neste sentido, no Brasil a educação sexual escolar surge marcadamente por práticas médico-higienistas influenciadas pela medicina social surgida na Europa do século XVIII.

Sem dúvida que a força destas concepções não é a mesma daquele século XIX, porém elas estão ainda presentes na escola, de uma forma ou de outra nos dias atuais. A escola ainda reforça os papéis sociais/sexuais, pune os "delitos", ensina e prescreve os preceitos da higiene de forma científica, entendendo que com esta atitude educativa resolverá os "problemas de higiene" (sexual) individual dos alunos, sem discutir as questões sócio-político-econômicas que os provocaram.

Assim a escola, numa concepção focautiana, ainda constitui um microespaço de poder onde se fala em sexo, porém, valorizando-o como *o* segredo - fala de sexo de maneira (re)velada.

Partimos de alguns pressupostos para a realização deste trabalho, sendo estes: a informação é de extrema importância, mas isoladamente não é capaz de mudar comportamento; é necessário sensibilizar os adolescentes para esta mudança; a auto estima deveria ser sempre priorizada, pois, acreditamos que “se eu me gosto eu cuido de mim”; o acesso à cultura e atividades lúdicas é restrito a esta população e são de suma importância na construção da cidadania.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, R. **E aí? Cartas aos adolescentes e aos pais**. São Paulo: Papirus, 1999.

AMARAL, M.A.; FONSECA, R.M.G.S. da. Entre o desejo e o medo: representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual. Re esc.enferm. USP, São Paulo, v. 40, n. 4, dez. 2006. Disponível e http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-42006000400004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 jun. 2013.

BERNARDI, M. **A Deseducação Sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BÍBLIA SAGRADA, 52ª ed., **tradução dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous** (Bélgica), pelo Centro Bíblico Católico, São Paulo, Ave Maria, 1986.

BRAGA, E.R.M.; YASLLE, E.G. O desenvolvimento da sexualidade. In: RIBEIRO, P.R.M.; FIGUEIRÓ, M.N.D. **Sexualidade, cultura e educação sexual**: propostas para uma reflexão. Cultura Acadêmica Editora. Araraquara (SP), 2006.

CABRAL, Juçara Teresinha. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

CARVALHO, M. M de. **Caminhos e descaminhos percorridos por estudantes do 3º ano do ensino médio e portadores do vírus HIV, com relação às informações preventivas a respeito da AIDS.** Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 2004.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

EGYPTO, A.C. **Orientação Sexual na Escola**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.) **Educação sexual:** múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.

_____. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina, PR:EDUEL, 2006. (Coleção Dimensões da sexualidade)

FERREIRA, L. S. M.; GALVÃO, M. T. G.; COSTA, E. S. Sexualidade do dolescente:Anticoncepção e DST/AIDS. **RBM rev. bras. med**.: Caderno de Ginecologia e Obstetrícia, v. 57 (n. esp.), p. 8-19, nov. 2000.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: I) a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

_____. **História da sexualidade**: II) o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Vigiar e punir** : história da violência nas prisões. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1994.

KISHIMOTO, T. M. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Paulo: Cortez, 1998.

LOURO, G. (org.) **O corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NUNES, C.A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987.

OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética.** São Paulo: Martins Fontes, 1975.

REIS, M.A.G.S. **A Sexualidade, o ensino de ciências e saúde na Escola Pública, pela busca do exercício da cidadania**. Dissertação de Mestrado, UFF/1992.

SOARES, S. M. et al . Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Esc.Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, Set. 2008. Disponível em<http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20083/artigo%2012.pdf>. Acesso em 02 Abr. 2013.

SOUSA, V. M.; CAMURÇA, A. M. **Discutindo saúde sexual com adolescentes de uma escola estadual de Fortaleza** – CE 2007. Disponível em:<http://www.ses.uneb.br/.../discutindo%20saude%20sexual%20com%20adolescent> Acesso em: 28 Mar. 2013.

SUPLICY, M. et al. **Sexo se aprende na escola**. 2 ed. São Paulo: Olho d'água, 2004.

VIGOSTKY, L. S. **A Formação Social da Mente;** 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WUSTHOF, R. **Descobrir o sexo**: adolescência, namoro, orgasmo, gravidez, abortamento, contracepção, homossexualidade, doenças venéreas, AIDS. São Paulo: Ática, 1998.

VITIELLO, N. A educação sexual necessária. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 15-28, 1995.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO DO PROJETO

Adaptado de CANÇADO, Alberto Elias Lopes. **Avaliação dos conhecimentos e conteúdos curriculares sobre sobre sexo e sexualidade de adolescentes nas escolas públicas de Pitangui- MG.** Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG. Belo Horizonte, 2007.

1- Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

2- Qual é a sua idade?

( ) entre 12 e 14 anos ( ) entre 15 e 17 anos ( ) acima de 17 anos

2. Não faz parte do aparelho reprodutor feminino:

( ) ovário

( ) próstata

( ) vulva

( ) útero

( ) vagina

( ) não sei

3. Não faz parte do aparelho reprodutor masculino :

( ) vesícula seminal

( ) pênis

( ) epidídimo

( ) ovários

( ) testículos

( ) não sei

4. Qual das doenças abaixo não é sexualmente transmissível?

( ) AIDS

( ) Leucemia

( ) Sífilis

( ) Não sei.

5. Em que órgão da mulher ocorre a fecundação?

( ) ovários

( ) trompas

( ) vagina

( ) útero

( ) não sei

6. Para você a masturbação é um ato:

( ) saudável porque faz com que eu conheça melhor meu corpo.

( ) perigosa, porque pode atrapalhar a vida sexual da pessoa.

( ) proibida, porque é pecado e pode trazer conseqüências como espinhas no rosto e pelos na palma da mão

( ) É uma forma de sentir prazer sexual sozinho.

( ) É uma prática sexual que pode causar doença.

( ) É uma prática sexual que não é feita com outro parceiro.

( ) Não sei.

7- Para você sexualidade é:

( ) Fazer sexo.

( ) É tudo que nos faz sentir prazer durante toda vida.

( ) Só quem sente é o adulto.

( ) Não sei.

8. Você se informa sobre sexo: (pode marcar mais de uma alternativa)

( ) com os pais	( ) com os irmãos
( ) com tios / primos	( ) com os professores
( ) com os amigos	( ) em revistas / jornais
( ) pela televisão	( ) pela Internet

( ) outros _____

9. Quantas vezes por ano você teve aula sobre sexualidade na escola?

( ) 2 vezes

( ) 4 vezes

( ) 6 vezes

( ) nunca teve

( ) mais de seis vezes

( ) não sei.

10- O que você entende por relação sexual?

( ) Manifestação da sexualidade que envolve somente aspectos biológicos.

( ) Relação entre dois seres de sexos diferentes para satisfação de seus instintos.

( ) Ato com fim reprodutivo que envolve fatores afetivos, sociais e culturais.

( ) não sei

11. Qual a diferença entre sexualidade e amor?

( ) Sexualidade envolve aspectos biológicos, sociais, culturais e o amor envolve sentimentos.

( ) Sexualidade se aprende e o amor não se aprende.

( ) Sexualidade envolve somente ética e amor envolve somente moral.

( ) não sei.

12. O que é sexualidade responsável?

( ) É aquela que segue os nossos instintos.

( ) Amor, respeito ao outro e evitar riscos de DST's (doenças sexualmente transmissíveis)

( ) É aquela que segue as informações da televisão, revistas, etc.

( ) Não sei.

13- O que você pensa sobre o uso da camisinha? (Marque sim ou não para cada questão).

- É importante usá-la na "primeira vez".	( ) Sim ( ) Não
- É importante usá-la em todas as relações sexuais.	( ) Sim ( ) Não
- No namoro, após alguns meses, devo usar camisinha.	( ) Sim ( ) Não
- Com o(a) "ficante" devo usar camisinha.	( ) Sim ( ) Não
- A camisinha previne DSTs e AIDS	( ) Sim ( ) Não
- A camisinha evita gravidez	( ) Sim ( ) Não
- Você já pegou, usou ou viu uma camisinha masculina	( ) Sim ( ) Não
- Você já pegou, usou ou viu uma camisinha feminina	( ) Sim ( ) Não
- A camisinha diminui o prazer	( ) Sim ( ) Não
- Só deve ser usado em relações homossexuais	( ) Sim ( ) Não

14- Dos métodos abaixo coloque D para os que evitam DSTs, G para os que evitam gravidez e D e G para os que evitam gravidez e DSTs.

( )Pílula anticoncepcional

( ) Injeções de hormônios

( ) Camisinha masculina

( ) camisinha feminina

( ) D.I.U. (dispositivo intra-uterino)
( ) Diafragma

15- Na sua opinião qual a idade ideal para a primeira relação sexual?

( ) 10 anos ou menos	( ) 11 anos	( ) 12 anos
( ) 13 anos	( ) 14 anos	( ) 15 anos
( ) 16 anos	( ) 17 anos	( ) 18 anos
( ) 19 anos	( ) 20 anos ou mais	

17- Você acha importante conversar sobre sexualidade?Justifique sua resposta._____
_____
_____

18-Qual a diferença entre sexo e sexualidade?_____
_____

19 - O que você entende por diversidade sexual?_____
_____
_____

20 - Quando pode ocorrer a gravidez?_____
_____

21 - Quando a menina deve consultar pela primeira vez um ginecologista?_____

22 - Quando a menina deixa de ser virgem sai sangue e dói?_____

23 – O que é a menstruação?_____
_____
_____

24- Como se pode evitar as doenças e a gravidez na relação sexual?_____
_____

25 - Pode-se engravidar na primeira relação sexual?_____
_____
_____

26 - Quais as doenças que podem ser transmitidas pela relação sexual? _____

_____

27 - De quem (ou onde) você gostaria de obter mais informações sobre os assuntos acima mencionados?

( ) Pais/Família ( ) Escola/Professores ( ) Televisão

( ) Igreja ( ) Revistas/Jornais ( ) Livros

( ) Internet ( ) Outros._____

28- Em sua escola, o assunto "Sexualidade" é tratado de forma:

( ) Apenas Biológica - só a explicação do funcionamento dos órgãos dos Sistemas Reprodutores, sem abordar assuntos como "transar", "prazer", "tesão", etc.

( ) Biológica e responde às dúvidas levantadas pelos dos alunos.

( ) Biológica e abordando outros temas como: "ficar", "namoro", "virgindade", "tesão", atendendo às necessidades dos alunos, esclarecendo suas dúvidas e anseios.

( ) Não se fala sobre o assunto em minha escola.

29 - Para você, as cenas que apresentam o sexo, direta ou indiretamente, na televisão estão:

( ) de acordo com a realidade em que vivemos.

( ) exageradas, induzindo o jovem a uma sexualidade precoce e sem responsabilidades.

( ) abaixo do ideal, considerando a liberdade no mundo em que vivemos.

30 - Como você gostaria que sua escola tratasse o tema "Sexualidade" e "Adolescência"?

_____

_____